



va o prognóstico. “Enquanto um dependente químico enfrenta barreiras físicas para obter a droga, o apostador tem o cassino no bolso 24 horas por dia. O pecado mora ao lado. Então, fica muito fácil da pessoa sucumbir a isso”, alerta o psiquiatra.

O rastro da destruição

A teoria ganha contornos dramáticos na vida de Roberto Antônio (nome fictício), 35 anos. Pai de dois filhos, viu-se perdido quando mergulhou em um oceano repleto de prazeres efêmeros. Tudo começou em 2022, quando passou a observar influenciadores digitais divulgando casas de apostas. “Pensei comigo mesmo: talvez seja uma forma de conseguir renda extra e ajudar nas contas de casa.”

Por duas semanas, começou a jogar, só que de maneira equilibrada, às vezes apostava R\$ 10 e outras, R\$ 50, nada exagerado. “Eu quase não estava perdendo, sempre ganhando. Comecei a postar links nas minhas redes sociais e ganhava bônus com as pessoas que acessavam meus links”, relembra. Como um homem de família, apesar de estar em busca de melhorar a vida financeira, Roberto tinha uma boa reserva de emergência, estimada em R\$ 8 mil.

No entanto, ele decidiu pegar todo o dinheiro e apostar. Para sua surpresa, conseguiu acumular R\$ 37 mil. “Nesse momento, pensei em largar tudo e viver de apostas, forma fácil de ganhar”, ressalta. O ganho inicial foi a armadilha final. “Senti uma sensação de poder absurda, dinheiro fácil sem sair do celular, pensei em largar tudo e viver de apostas”, conta Roberto.

Ele pediu demissão, investiu toda a sua rescisão e, em menos de dois meses, perdeu R\$ 56 mil. O desespero o levou a um empréstimo bancário de R\$ 15 mil, perdido em uma única aposta de “olhos fechados”. O resultado foi a ruína total: “Perdi a minha esposa, meus filhos, casa, tudo. Vendi até mesmo a TV e a máquina de lavar de casa para tentar conseguir apostar mais”.

Hoje, Roberto vive em uma quitinete, faz bicos e emagreceu 20 quilos, carregando as cicatrizes do vício. Contudo, tenta sanar as marcas deixadas por um momento que não deseja mais recordar ou repetir. Faz terapia semanalmente e busca, consigo mesmo, reorganizar e deixar os rumos da própria história.

A psicologia do transe

O design dos aplicativos, como muitos sabem, é um convite especial para aqueles que querem jogar, projetado para manter o usuário em estado de transe. A psicóloga e neuropsicóloga Ingrid dos Santos Miranda Rodrigues explica que sons de vitória, luzes e o “reforço intermitente” (recompensas aleatórias) são ferramentas para reduzir a percepção do tempo e criar uma ilusão de controle. “Essa arquitetura é especialmente perigosa para crianças e adolescentes, cujos cérebros ainda não amadureceram a região do córtex pré-frontal, responsável pelo controle inibitório”, detalha.

“Até essa fase (25 anos), o risco de a pessoa ter pouco controle sobre o próprio comportamento, ser capturada por esses mecanismos de recompensa é muito maior”, afirma a especialista. O tratamento, agora integrado ao SUS, prevê desde a terapia cognitivo-comportamental até o uso de fármacos, como a naltrexona para controlar a fissura. Para as famílias, a orientação é clara: é preciso apoiar, mas sem se tornar um facilitador.

“O comportamento familiar de assumir responsabilidades financeiras que não são próprias, evitar que as consequências do comportamento cheguem até a pessoa, encobrir dívidas ou flexibilizar limites são condutas que contribuem para a manutenção do problema”, adverte a psicóloga. A reconstrução da autoestima e da confiança é o maior desafio pós-vício.

Do ponto de vista emocional, na avaliação de Ingrid, os danos emocionais são expressivos. “Instala-se, com frequência, um padrão de irritabilidade, ansiedade e vazio emocional, que pode evoluir para quadros mais graves, incluindo ideação suicida”, acrescenta. Em um nível mais amplo, a dependência afeta profundamente os vínculos e as relações familiares e sociais, gerando sofrimento coletivo e abalando a confiança entre todos os envolvidos.

Para sobreviventes como Roberto, o jogo deixou de ser diversão para se tornar uma lição amarga sobre a fragilidade da vida diante de um algoritmo de apostas. Ainda, a psicóloga acredita que a recuperação é, sim, possível e real. Com acompanhamento terapêutico e a elaboração desse período complexo, o indivíduo pode voltar a sentir prazer em viver, ter autoestima e consertar os erros cometidos.